

Travessar as travessas sinuosas e indeterminadas em mundos agitados: outras demandas à volta do agir humano

Crossing the sinuous and indeterminate lanes in agitated worlds: other demands around human action

José Manuel Resende¹

Há tempos distendidos no agir humano quando as suas ações transitam de travessias em travessias? Ou a distensão dos tempos compõe-se com tempos convulsados que, inesperadamente ou não, se atravessam no agir humano? A natureza dilemática das ações humanas, e das suas maneiras de se coordenarem entre si, mas também consigo mesmo, não raia já a combinação atrás enunciada?

O agir humano não tem estado sob o manto de incitações publicitadas e prementes na busca de autonomia, quase sem freio, isto é, sem a colocação de amortecedores que

¹ Como organizador deste dossiê temático, quero expressar os meus agradecimentos a todas as colegas e a todos os colegas que embarcaram por estas travessias. De um lado e do outro lado do Atlântico, comungamos também a amizade que tem estado a alimentar estas minhas e suas travessias. Foi um prazer tê-los em minha companhia. Sem a sua delicada participação, nada disto teria ganhado foros de existência humana para além da nossa existência viva.

possam mostrar os seus limites? Raiar tais incitações emancipadoras no agir em mundos cada vez mais incertos não injeta nas ações humanas problemas, agruras, dilemas vários? São as competências infinda? São os empoderamentos incontáveis, mesmo aqueles que se mostram convenientes e que são buscados insistentemente pelos agentes institucionais? Ou a incessante demanda por mais autonomia tem de ser repensada e reequacionada por quem a solicita?

Há travessias sem desvios? Colocando-se a hipótese de linearidade nos atos de atravessar, nos atravessamentos o inesperado não tem a possibilidade de se cruzar com aquilo que se planeou seguir a eito, a preceito? Afastados daquilo que é antes enunciado como a travessia normal, não pode ser o resultado daquilo que não é cognoscível, isto é, daquilo que parece conhecermos mas que afinal não está sob o nosso controle?

As experiências ou experimentações resultantes dos atravessamentos que coloram as nossas vivências não se ergueram em virtude da pandemia que assolou o Planeta Terra no dealbar da segunda década deste século. Não só antes as experiências acompanharam travessias várias, como muitas dessas passagens não deixaram de ser réplicas que se repetem ou réplicas que soltaram marcas de objeção manifestadas por distintos modos corpóreos.

Tais sobreavisos não pretendem desvalorizar as experiências advindas da pandemia. Nem tão pouco retirar delas singularidades pelo cunho da surpresa dos seus efeitos. O que se pretende sublinhar é que as experiências forjadas nos ambientes após a enunciação da crise sanitária fizeram suspender ações que por hábito eram acionadas e deixaram de o ser. Tais cancelamentos, interrupções ou proibições ou foram sentidas como perdas – ausências que causaram sofrimento – ou reajustaram-se com outros jeitos, mesmo desajeitados ou acanhotadamente. Habituais ou não, as experiências sobrevieram mesmo nos diversos confinamentos havidos nos últimos dois anos.

É por isso que as experiências da crise sanitária que se apresentam atualmente aos seres humanos não deixaram de fazer travessar nas travessas das suas vidas ocorrências travessas que não se apresentam exclusivamente como pentes para segurar as suas inquietações. Estas também se atravessam sob o modo ou sob o jeito de travessuras múltiplas, inconfessadamente traquinas, malandras, atropelando ou não crenças diversas sobre tempos atribulados, que remetem seres humanos (e não humanos, objetos) ou para guetos autosegregados, ou para isolamentos que são o resultado de chutes impróprios, sem decência mesmo que citados como espúrios.

Faz-se notar a possibilidade de associar a viagem à travessia. E, como qualquer viagem, mesmo que a bússola a presenteie de quando em vez, ventos travessões espreitam em qualquer dos seus cantos contornados ou não. Viagens, travessias são percursos que, mesmo que já experimentados outrora, podem soltar nos seus acionamentos roteiros imprevisíveis quando as experiências os envolvem ou quando destas resultam sentidos que não se tinham revelado como notoriamente significantes.

É, pois, a partir das travessias plurais experimentadas nestes tempos turbulentos que este dossiê pretende de novo questionar o que significa hoje reconhecermo-nos como seres humanos ou seres vivos que habitam mundos desassossegados. Ou o que também pode acontecer é esse reconhecimento não ser dado a conhecer, não ser concedido a quem o teria por direito humano, indevidamente retirado ou não facultado.

Os bulícios das vidas não são novos, como já foi escrito no primeiro dossiê *Travessias* ([volume 14, janeiro a junho de 2020](#)). Estão presentes nas vivências com expressividades múltiplas desenhadas nas experiências humanas, situadas ou descolocadas. Constituem-se como parte integrante destas do nascimento até à morte.

Pese embora o reconhecimento imperecível de experiências tumultuosas nas passagens entre o público e o íntimo, hoje, porventura, as suas fronteiras são alvo de outras explorações suportadas por indagações que antes ou não se pronunciavam, ou eram proferidas em contextos mais resguardados.

Chegar, permanecer e partir são verbos que acompanham a solicitação do convite a participar neste desafio. São verbalizações que articulam experiências compósitas que marcam as gradações como se expressam as qualificações de ser vivo e de ser humano em diferentes contextos e épocas históricas.

A experiência de crise sanitária à escala global ainda aviou mais a centralidade das travessias humanas num contexto cada vez mais marcado pela incerteza e pela indeterminação. Num primeiro estágio do seu aparecimento o confinamento geral foi a palavra de ordem enunciada pelas autoridades políticas e sanitárias em diversas geografias planetárias. Resultante das viagens, a contaminação só diminuía o seu impacto reduzindo-se as travessias locais, nacionais, continentais e transcontinentais.

As passagens do interior das habitações para o exterior tinham de ser raras, alinhavadas em motivos definidos previamente por quem dirige os protocolos de saúde pública e por quem trata cientificamente da virulência do vírus, nomeadamente do vírus transmitido por gotículas saídas em resultado de atos tão comuns como tossir ou espirrar.

Rapidamente se vai dando conta de que a determinação de se encerrar as pessoas em casa não era a solução ideal para o problema em curso.

O aparecimento de variantes e de outras eventuais estirpes tem aumentado os alertas. Esses avisos aceleram os temores. As máquinas governamentais atuam com atos nem sempre coincidentes. Uma retrocedem as aberturas reavivando os confinamentos. Outras ignoram as advertências sanitárias, e as mortes aceleram-se ainda mais. Num caso como no outro, a liberdade de movimentos é suspensa e sujeita a controles vários.

O verbo *confinar* entrou na agenda mediática. A verbalização do seu contrário também se atravessa nos jogos de linguagem publicitados. Ensaiam-se métricas quer para o encerramento dos seres, quer para a sua libertação.

De experiências em experiências entre o *confinar* e o *desconfinar* – em formas de (des)coordenação com geometrias muito variáveis tendo em conta o contexto global da pandemia –, políticos, técnicos e cientistas procuram outras travessias. Socorrem-se de artefatos para os justapor à pele dos indivíduos de modo a se instituir uma outra etiqueta social com o propósito de ensaiar a estancação da transmissão do vírus. Em muitas geografias os negacionistas opõem-se a essas medidas. Reagem aos conceitos científicos e seus efeitos expostos por cientistas de diversos azimutes terrestres. Discutem-se a metro as métricas sanitárias regidas por protocolos nem sempre precisos, nem sempre assentes em critérios explícitos, que não produzam equívocos.

As travessias do vírus parecem não conjugar-se com as travessias dos humanos. Como dependem de células de outrem para darem continuidade às suas passagens, os seus desvios nos atravessamentos dos mundos diferem dos seres que são nomeados como tendo vida manifestando-a de outra maneira.

As consequências das ações de agentes cuja agenciamento de si depende da possibilidade de estes entrarem em células de seres vivos diferem em muito das consequências das ações dos seres vivos, como é o caso entre os humanos. Os atos de existência desses agentes não humanos dependem das formas de agir dos seres vivos. Ou estes permitem a sua entrada para atravessarem o seu corpo e instalarem-se numa célula hospedeira ou a entrada é barrada, e o agente não tem oportunidade de se replicar.

É, pois, preciso impedir a sua entrada. Daí a criação dessa etiqueta, denominada de social, mas que mais não é do que a criação de uma distância física. Fazer do afastamento físico a nova modalidade de fronteira para evitar a entrada de um agente patogênico passa a ser a recomendação. E a máscara é o artefato que sugere as interdições impostas pelo

termo dos contatos de proximidade perigosa. O rosto e a sua expressão ficam omissas. Escondem-se no corpo que lhes dá animação.

Havendo ajuntamentos, seja em que contexto for, a máscara é o tal artefato que, justaposto à pele do rosto, dificulta o patógeno a entrar. A natureza intrusiva desse agente é medida justamente pela sua destreza na entrada e nas consequências imprevisíveis depois de estar instalado em uma das células do seu hospedeiro.

Evitar a sua replicação exponencial nos humanos requer também dos seus corpos outros cuidados, nomeadamente na praticabilidade de uma etiqueta que os resguarde da sujidade trazida por esse agente. Obstar que o vírus se atravesse entre um corpo e outro obriga a que se levem a sério os efeitos dos atos de tossir ou de espirrar.

Não basta usar o lenço ou mão para refrear as saídas das gotículas quando em momentos contingentes acontece um espirro ou somos levados a tossir. Levar o cotovelo à boca ou ao nariz passa a ser o ato mais aconselhável de maneira a conter a circulação do agente contagioso. Lavar as mãos com frequência ou desinfetá-las são outros gestos solicitados.

Na verdade, as travessuras provocadas pelas travessias de um vírus servem aqui de exemplo para mostrar a complexidade das ações e das conseqüentes relações que estas produzem, quer entre seres vivos, quer entre seres humanos, quer ainda entre uns e outros e agentes não humanos. É nossa convicção que é desafiante a exploração das ações e suas conseqüências que vos propomos, e estamos certos que vão ao encontro dos potenciais leitores deste número da revista.

Tomando a sério os matizes em que se expressam os reconhecimentos indicando que os seres se apresentam na sua humanidade ou simplesmente como entes vivos, este dossiê desdobrou-se em dois face à extensão desta temática. O primeiro dossiê já tinha sido publicado. Este é o segundo. Apesar desse desdobramento, os dois números da revista vão integrar artigos que exploram sociologicamente essas *travessias* contando com textos que revelem reflexões sociológicas e antropológicas que expressam experiências significantes daquilo que os atores são capazes de fazer ou não fazer para aportar e apartar dos mundos, apoiados por objetos, tecnologias sociais e mediados por outros seres capacitantes.

Paralelamente chama-se igualmente atenção para as limitações da antropologia capacitante dos humanos quando estes são envolvidos em situações e experiências que não tornam possível a sua habilitação, ajustando-se a estas de outras maneiras. Sinalizar a participação como qualidade do agir humano nem sempre parece ser viável em acontecimentos e experiências que envolvem seres vivos e humanos. Há ocasiões em que

as fragilidades e as vulnerabilidades do agir humano são expressivas, mesmo quando estas não são convenientemente reconhecidas.

O primeiro texto da coletânea expõe dilemas entre o ato de nascer e os cuidados paliativos, buscando nas ações públicas publicitadas no México as fontes para discutir estas questões problemáticas. Perante o movimento da entrada no mundo pela nascença de um novo ser, e a partida marcada pela morte de um ser em final de vida, o artigo ensaia pensar nas experiências humanizadas do parto e da finitude como modalidades de habitar o mundo em espaços de proximidade familiar. Com um olhar sensível espelhado no texto que nos doam, Angélica Landa e Alicia Murrieta pincelam com rigor os processos da dignificação da humanidade presente nos atos de nascer e de morrer, sem deixar de equacionar e de analisar os seus problemas éticos e morais, com contornos políticos.

O segundo artigo repega numa das questões levantadas no texto anterior. Usando informações contidas em múltiplas fontes, das quais se enumeram as entrevistas, a observação etnográfica realizada no campo da pesquisa, Oriana Braz e Alexandre Martins dão a conhecer as conversas de final de vida que se atravessam nos contextos hospitalares. Entre distintas transações interativas, os autores dão destaque a interações face a face resultantes de reuniões com membros da equipe intra-hospitalar, mas também outros momentos e encontros com profissionais da área da saúde. Baseando-se na temporalidade e nas modalidades de coordenação das ações em contexto hospitalar, os autores definem com rigor artesanal o significado sociológico atribuído a essas conversas de final de vida.

Baseando-se em dados revelados por um inquérito por questionário, o terceiro texto explora as travessias biopsicossociais de um conjunto de mulheres beneficiárias de Procriação Medicamente Assistida (PMA) na (in) fertilidade. Usando distintas variáveis, o artigo assinado por Rita Morais e Catarina Delaunay dão-nos a conhecer diferentes atravessamentos expostos por 85 beneficiárias desse programa. Os *sentidos da vida* manifestados pelas respostas são plurais, mas humaniza-se o embrião, dando-lhe formas que não se prendem ao processo da procriação medicamente assistida. O insucesso na gravidez gerada por este processo gera inquietações e angústias e eleva-se com a idade da beneficiária. Contudo e para além desses resultados, o artigo expõe com finura e acuidade analítica os desafios metodológicos na elaboração e aplicação deste questionário, quer na delimitação da amostra das respondentes, quer na sua formulação interrogativa. A diversidade de experiências no tocante a esse processo e às questões que ele levanta impõe não só uma maior combinação de áreas do saber, mas também o uso de lentes

interseccionais que, segundo as autoras, vão contribuir para outros olhares sobre as questões biopsicossociais encontradas nesta incursão analítica preliminar.

O artigo seguinte aposta em outras travessias, agora incidindo o olhar sobre o ponto de vista teórico e metodológico. O ponto de partida são os gestos, aparentemente banais, da utilização de um artefato habitual quando se registam gravações de entrevistas. Como realçam os autores, tais gestos, ao contrário, impõem uma reflexão teórica que pode abarcar diferentes disciplinas como a linguística, a etnometodologia e a etnografia. Binet e Monteiro intendem ir mais longe, uma vez que as contribuições analíticas que retiram da pesquisa sobre percursos de final de vida podem contribuir para examinar a investigação qualitativa sob a lente da própria epistemologia.

Dos atravessamentos de natureza teórica e metodológica passamos no artigo seguinte, para uma examinação atenta dos efeitos da biomedicalização nos processos de procriação medicamente assistida. De seus resultados, Luís Gouveia, Catarina Delaunay e Mário Santos informam-nos a gestação de *um ator, outro*, de *contornos fluídos*, de matriz identitária tecnocientífica que se denomina o embrião humano *in vitro*. O modo como os beneficiários do programa da PMA se envolvem nestes processos dão o mote para que os autores investiguem a fundo as formas compósitas de envolvimento que mulheres e casais explicitam, as primeiras a partir das suas experiências nas trajetórias terapêuticas e os segundos pelos marcadores ontológicos que resultam do contexto da procriação medicamente assistida.

Das meditações analíticas a propósito das travessias à volta do nascimento e da morte, os próximos artigos exploram outros caminhos, com outras passagens, marcadas agora pelos *insights* da violência e os seus contornos políticos com expressão ora no espaço público, ora em lugares mais familiares, mas cujos ecos não deixam de se projetar nas *ciés políticas*. No primeiro texto, Gabriel Feltran desenvolve um ensaio² sobre a recente história política do Brasil a partir de três movimentos que abarcam uma sociedade distópica, com deformidades que antes se expressavam em contextos periféricos, mas que a presente experiência política as expõem ao centro, através de programas e práticas políticas ensaiadas pelo atual presidente e seu governo federal. O rebaixamento da política, cuja nobreza está hoje em causa no Brasil, e a centralidade da violência chamada hoje ao centro das práticas políticas fazem alinhar os três movimentos que o autor enuncia, não à toa, mas em resultado do seu percurso investigativo. É de ambientes decentes que o texto faz

² Nota da edição: o rico ensaio de Feltran — em parte inédito, em parte reproduzindo textualmente reflexões publicadas alhures — foi alocado em seção específica do presente volume, mas pertencente ao dossiê.

retornar apelando a que as políticas e ações públicas se apresentem com os valores normativos que permitam experimentar esses percursos.

No segundo texto, Resende e Vera olham para o que se passa na intimidade de um casal onde as experiências-limite de violência são relatadas por quem as vivencia à flor da sua pele, mas pautadas igualmente por travessias emocionalmente expressas, reveladas corporeamente em distintos momentos no tempo de vida em uma conjugalidade violenta. As passagens plurais de violência são descritas pela mulher violentada, usando para isso um artefato que é o celular. Na verdade, a denúncia é feita em período pandêmico a uma voluntária que presta serviço em uma organização que apoia mulheres que buscam alternativas para sair dos contextos de violência conjugal. Ora, a mediação desse objeto é também sujeito a uma reflexão e traz para a análise questões que importa destacar. E mais uma vez as declarações fazem emanar igualmente uma voz que clama por valores não violentos que permitam transações em prol de ambientes familiares decentes.

Finalmente trazemos para o dossiê três artigos que dão nota de outros itinerários, com outras passagens que são cada vez mais assinaladas nas socialidades que são hoje experienciadas. O texto elaborado por Yolanda Ribeiro traz para a análise discursos, práticas de sociabilidade e posturas políticas que são exaltadas pela paixão musical – em particular as composições musicais do samba. A partir de rodas de samba, a pesquisadora revela modalidades de experiências de acolhimento que são observadas no Quilombo do Grotão, localizado em Niterói (RJ). A pluralidade dessas experiências de acolhimento torna possível à autora desenhar múltiplas viagens que as sociabilidades experimentadas nas rodas de samba daquele Quilombo tornam possível a quem ali se envolve corporalmente. E os sentidos políticos ali expressos nem sempre são coincidentes entre si.

O artigo de Gabriela Cuervo entra por outras travessias, estas ligadas aos processos de avaliação na produção científica determinadas pelo Estado brasileiro. Está em causa, segundo a autora, a adoção de critérios avaliadores que permitam uma gestão eficiente da carreira acadêmica. Nesse sentido, as regras estabelecidas impõem o acolhimento, da parte dos atores, de normas padronizadas de produção científica e de desempenho nessa carreira de modo a classificar pesquisadores e docentes do ensino superior em sistemas de equivalências presididas pelo viés produtivista. Sob o manto do novo espírito do capitalismo, as “bolsas de produtividade” aparecem como prova de como o Estado olha para o trabalho nessa esfera de distribuição de recursos capacitantes. Tendo origem em uma pesquisa

etnográfica, Gabriela Cuervo analisa dispositivos avaliadores, atravessando-os de modo a captar os sentidos significantes e ressignificantes, quer de avaliadores, quer dos avaliados.

Por último, Fabio Reis Mota e Daniela Pelaez apostam o seu olhar sobre como conformar os recursos analíticos detidos pelas pesquisas para observar com atenção e profundidade os modos de fazer a sociedade. Nesse sentido, os autores ensaiam trazer para a análise diferentes passagens e travessias para o efeito, buscando centrar-se naquilo que habitualmente os manuais de pesquisa denominam e classificam como senso comum. Para levar a cabo o ensaio, Fábio Mota e Daniela Pelaez fazem emergir a categoria analítica do cismar, examinando as suas propriedades atuantes a partir de diversas pesquisas etnográficas já realizadas. Em vez de as práticas cismadoras contribuírem para a elevação das disputas de caráter retórico e argumentativo em diferentes contextos, particularmente no espaço público, o cisma põe em causa a possibilidade negociadora dos debates e discussões conflituantes. Essas dissidências com caráter ideológico dificultam o acordo político que permita dirimir as conflitualidades e evitar modalidades públicas de violência, muitas vezes inscritas nas próprias instituições.

Torcicolando pelos itinerários propostos pelos autores desses textos, os agires humanos buscam reconhecer-se e serem reconhecidos com existência humana, mesmo quando as suas operações práticas são levadas à sua suspensão, temporária ou com outras lonjuras. Serpenteados com traços nem sempre evidentes e manifestos ao primeiro relance do olhar, os agires imediatos com lineamentos captados por aquilo que deixam como marcas exigem ir mais fundo, dando também primazia aos pequenos pormenores que — por desleixo, ou por desatenção — os pesquisadores tendem a desconsiderar.

De traços largos, que nas suas minudências os completam e os tornam mais inteligíveis, os agires humanos nem sempre são admitidos e acolhidos como tais. As fronteiras entre estar vivo e ser considerado humano são vezes sem conta permeáveis, híbridas, com travessias obscurecidas ou mesmo frias. Os lugares-comuns afiguram-se muitas vezes como rumos interessantes para se compreender as ambivalências que norteiam aquelas categorias enunciadoras das qualidades dos seres.

As eventuais metamorfoses destas categorias qualificantes do ser, às vezes radical, inúmeras vezes suscitando equívocos insurgidos pelas ambiguidades do agir de um perante um outro ou outros, são questões a ter em conta em pesquisas que entendem atravessar estes caminhos. Dar boa nota a quem não é tratado, a quem não é pelo outro considerado como equivalente na sua humanidade, a quem o olha, ou o evita, a quem a indiferença pode ser entendida como a mortificação do ser na sua humanidade que para este não é plena,

tudo isso são outros ingredientes a destacar em face da sua importância analítica, moral e política.

Ações sem objetos são um mero fazer de conta nos significados que estas transportam quando emergem em diferentes contextos. Ter em conta os artefatos que acompanham as ações é outra indicação deixada. O modo como estes são qualificados e os seus eventuais significados convencionais ou protocolizados são outras notas a considerar quando os modos de agir são analiticamente interpretados.

Para terminar, importa considerar seres ou agentes não humanos e as suas relações com os agires humanos. A circulação dos vírus em ambientes humanos e o modo como os seus trânsitos confrontam os agires humanos são meros exemplos. Aos vírus podemos acrescentar outros seres que florescem em ambientes naturais onde veiculação humana faz-se sentir permanentemente. Parece não ser necessário exemplificar. Estes estão aí ao virar de uma qualquer esquina... Força à vossa imaginação criativa.

Foi com prazer que organizei estas duas publicações sob o traço largo, mas profundo dos dilemas que se atravessam nos juízos classificados como humanos quando somos nas socialidades contemporâneas confrontados com experiências inusitadas, comuns, aguardadas ou inesperadas, onde outros seres se encontram igualmente envolvidos. Os textos trazidos ao público por esses dois números dão mostras dos diferentes caminhos trilhados pelos seus autores para, a seu modo, responderem aos desafios por mim colocados a cada um.

Nem sempre as réplicas às minhas demandas foram tão rápidas quanto exige o esforço em coordenar dossiers a publicar em revistas científicas. Felizmente as minhas insistências foram sempre bem acolhidas pelas convidadas e pelos convidados. Exprimo o meu agradecimento e reconhecimento pela sua compreensão a esses gestos repetidos.

E foi com muito gosto que partilhei com eles — e agora o faço com as leitoras e os leitores — este estar, permanecer e ficar sentado em uma mesa a repartir aprendizagens e ensinamentos como podemos observar com uma atenção mais fina o fazer socialidades cada vez mais decentes. Essa experiência talvez se possa repetir com outras travessas que ajudem a limar as imperfeições sociais.

Com uma nota adicional: a de estarmos convictos de que o caminhar é longo, contínuo, sempre serpenteado com travessias tortuosas. Neste, como em outros domínios analíticos, a solução não é já ali; as receitas e os receituários entram rapidamente em desuso, e, quando julgamos estar no cume da montanha, outras, inesperadas e desafiantes

Travessar as travessas sinuosas e indeterminadas em mundos agitados: outras demandas à volta do agir humano

experiências se atravessam nos nossos trilhos, roteiros, carris, caminhos, atalhos... e quando olharmos para nós, estamos de novo no seu sopé.

Seja como for, o que importa agora é desejar aos leitores da revista leituras estimulantes, críticas e criativas. E quanto a mim, um até já...

José Manuel Resende

Doutor em Sociologia, professor Catedrático da Universidade de Évora, Portugal.